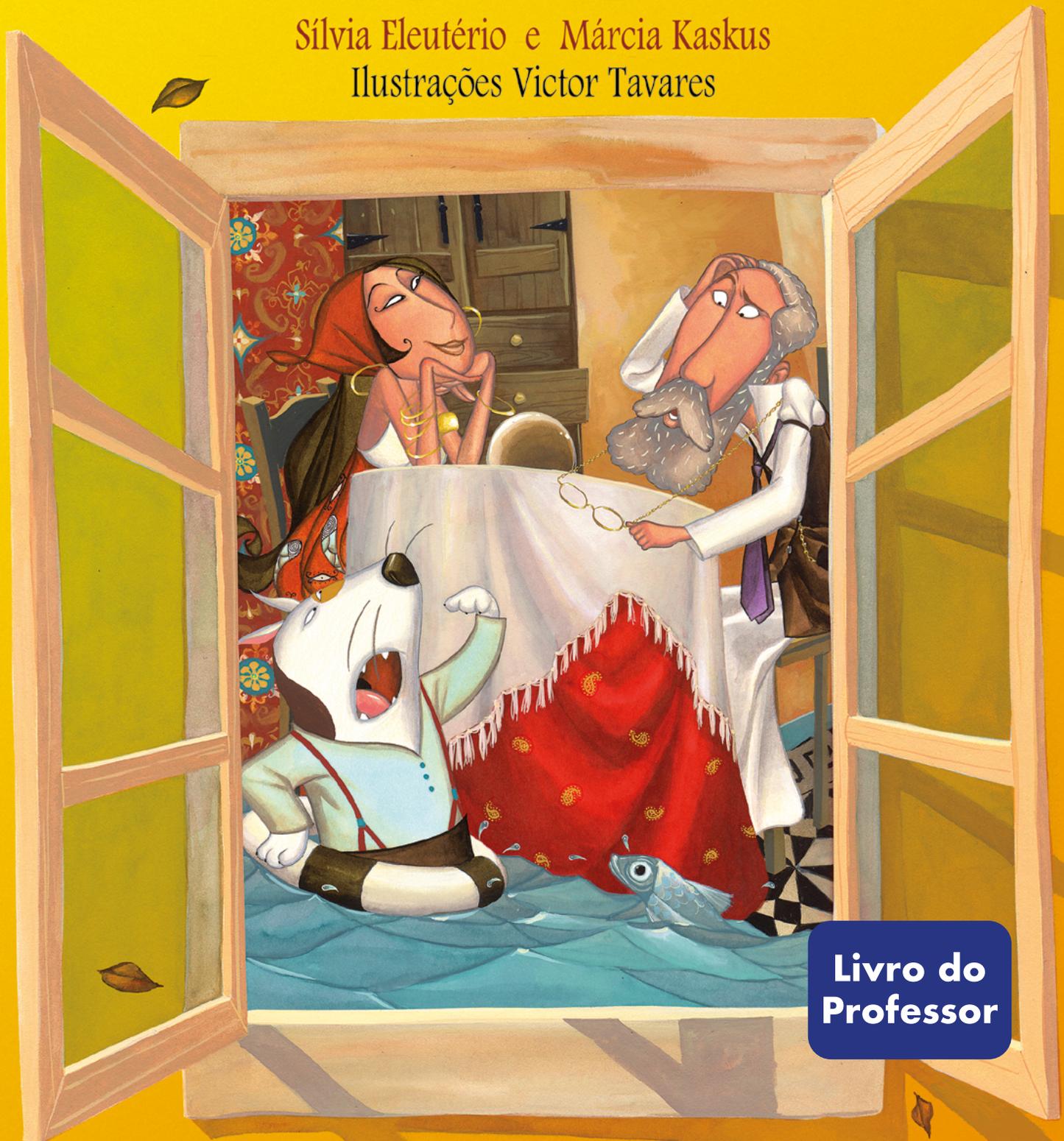


O Baú do Seu Machado

Sílvia Eleutério e Márcia Kaskus
Ilustrações Victor Tavares



**Livro do
Professor**

Responsável pelo Material:
Ana Caroline de Almeida

tt
Duetto

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Ediouro Duetto Editorial Ltda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDIOURO DUETTO EDITORIAL LTDA.
Rua Candelária, 60/Grp 701 a 714 — Centro
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
20091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro
Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia
Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza
Copidesque: Daniella Riet
Revisão: Fabrícia de Oliveira
Projeto gráfico: Larissa Fernandez
Diagramação: Rafael Lima

Material Digital de Apoio à Prática do Professor que
acompanha o Livro do Professor da obra *O Baú do
Seu Machado*, 1ª edição.
Ana Caroline de Almeida.
Rio de Janeiro: Duetto, 2021.

Título: O Baú do Seu Machado

Autoras: Márcia Kaskus e Sílvia Eleutério

Ilustrador: Victor Tavares

Temas: Diversão e aventura; O mundo natural e social

Gênero literário: Conto, crônica, novela

Categoria: 4° e 5° anos

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
2. A importância da literatura	7
Literatura	7
Literatura infantil	8
A leitura literária na escola	11
3. Propostas de abordagem em sala de aula	17
Descrição	17
Estratégias	19
Pré-leitura	20
Durante a leitura	22
Pós-leitura	25
4. Referências bibliográficas	27
5. Sobre a autora do Material Digital de Apoio à Prática do Professor	29

1. CARTA AO PROFESSOR

O Baú do Seu Machado é uma divertida história para crianças, capaz de nos envolver e nos fazer rir do começo ao fim. Foi escrita por **Sílvia Eleutério** e **Márcia Kaskus**. Sílvia é professora, tem dois doutorados, é pesquisadora na Academia Brasileira de Letras — ABL, escritora e diretora de teatro. Márcia é formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, é também atriz e produtora teatral e cinematográfica.

As ilustrações encantadoras e delicadas foram feitas por Victor Tavares. O artista iniciou sua carreira aos 17 anos, em 1989, trabalhando na produção de desenhos animados, pinturas e ilustrações. É conhecido internacionalmente, já tendo recebido alguns prêmios. Hoje vive com a esposa e o filho em Brasília, dedicando-se à ilustração e à arte plástica.

O Baú do Seu Machado é uma criação muito interessante, construída a partir da obra de Machado de Assis. O gênero textual é o conto, que se constitui pela estrutura narrativa, normalmente mais condensado que outros gêneros, como o romance e a novela. O conto apresenta poucos episódios e se concentra em um núcleo de personagens. Neste conto, há três capítulos, nos quais o pequeno leitor vai se deparar com o próprio Machado de Assis transformado em personagem. Ele é um escritor que perde a memória e, com ela, seus personagens. Conforme explicam as autoras, alguns dos personagens de **O Baú do Seu Machado** foram livremente inspirados em personagens machadianos.

Breve resumo da obra

Primeiro capítulo — Numa casa do bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, Seu Machado, ao acordar, se dá conta de que suas memórias estão perdidas. Quem o ajuda a perceber que seu baú de lembranças, com tudo que tinha dentro, desapareceu, é o cãozinho Quincas Borba. Eles decidem então procurar a ajuda de um detetive, ou melhor, de uma cartomante, para encontrar o baú. E, assim, eles se encaminham ao Morro do Castelo.

Segundo capítulo — No Morro do Castelo, os dois amigos encontram a cartomante, dona Bárbara Barbarrosa, e se assustam quando a veem “dançando uma dança mágica, balançando todas as suas pulseiras e anéis”. Ela parece gostar do Seu Machado, mas ele está concentrado em encontrar o baú de lembranças. Dona Bárbara Barbarrosa então decide utilizar a sua bola de Cristal, trazida de Nova York, para ajudá-la nessa missão. Vê muitas coisas sobre a vida e os personagens

do Seu Machado e se emociona quando ele recita um dos seus poemas. Isso a impulsiona ainda mais a encontrar o baú e, para isso, conta com a ajuda de ninguém mais, ninguém menos que o imperador Dom Pedro II.

Terceiro capítulo — Na hora da ventania, quem chega para completar a história é Deolindo. Deolindo Venta-Grande, o marujo-almirante. “O bauzinho está fazendo contato”, indica a cartomante à sua entrada. Deolindo vem logo se explicando: “Seu Machado, os seus personagens foram aprisionados por uma figura malvada”. Mas com ele vem também o Diabinho! Seu Machado cai duro no chão de tanto susto. Não imagina que o Diabinho havia trazido uma surpresa. “E foi tirando de dentro do seu bolsinho um pequeno baú que, em contato com o ar, foi crescendo, crescendo e pronto: cresceu! Ele abriu o baú bem pertinho da cabeça do Seu Machado, e aí, que beleza! Foram saindo tantas maravilhas coloridas, tantas luzes, tantas estrelas grandes e pequenas, que todos ficaram boquiabertos. Encantados mesmo! Finalmente, Seu Machado ia recuperar a sua memória.”

É aí que começa a festa. Os personagens voltam aos poucos para a cabeça de Seu Machado, são imortais, *criaturas* dele.

Toda essa história é contada pelas autoras de um modo muito especial. Elas envolvem o leitor, interagindo diretamente com ele e trazendo música (p. 7), brincadeiras (p. 8 e p. 13), poema (p. 19) e cantiga de roda (p. 23) enquanto conta a saga para recuperar o baú do Seu Machado.

São especiais também as ilustrações feitas por Victor Tavares. Ricas em detalhes, cores e combinações, o artista busca retratar o Rio de Janeiro do século XIX, com casinhas e ruas estreitas, iluminadas por lampiões. E os personagens ganham feições que expressam muito bem seus sentimentos e emoções a cada cena.



2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

LITERATURA

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusóé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta. [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro ou derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens. (Barthes, 1979)

Concordamos com Maria Amélia Dalvi (2013) quando diz que qualquer defesa da educação literária parece insuficiente e desnecessária depois do que escreveu Roland Barthes. De fato, não podemos negar que todas as ciências estão presentes na literatura, algumas mais, outras menos, mas, pela literatura, os saberes se movimentam, se hibridizam. E, também, é ali que ciência e vida se aproximam. Todas essas características colocam a educação literária num lugar bastante singular e estão presentes em **O Baú do Seu Machado**.

Antonio Candido definiu a literatura como toda criação de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Nesse sentido, não passamos mais de um dia sem mergulhar no universo da imaginação e da fabulação. Contamos, vivemos, sonhamos e imaginamos estórias. A relação da literatura com os direitos humanos, segundo Candido (2011), pode ser tomada então sob dois diferentes ângulos: em primeiro lugar, a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena

de mutilar a personalidade, pois, como dá forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.

Devemos lembrar ainda que, “além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão do mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor” (Candido, 2011). Dito de outro modo, a literatura é responsável por produzir e socializar um saber específico sobre o mundo e vai além das explicações científicas, muitas vezes insuficientes nas respostas demandadas pela complexidade existencial. A literatura é, assim, um instrumento poderoso de educação.

Posto isso, e a fim de evidenciar os motivos que nos levam a acreditar na literatura, e, em particular, na literatura que circula/acontece na escola — a literatura infantil e juvenil —, em seus tempos e espaços, além de Barthes e Candido, podemos evocar outros estudiosos do tema. Segundo Cecília Goulart (2017), por exemplo, “a literatura pode se constituir como fonte para a formação de leitores críticos: vivendo o desafio de interpretar vazios, ambiguidades, novas relações, novos modos de viver, conhecer, fazer e falar. A abertura de janelas no texto literário torna-o um grande hipertexto”. Ou ainda “a literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros” (Goulart, 2017).

LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil ou infantil e juvenil é um tipo de produção literária voltada para crianças e jovens, mas não menos importante que a literatura em geral. Annie Rouxel (2013) destaca que ela oferece uma mina de obras de qualidade para o aprendizado da leitura literária, e que há um grande número de obras, nesse domínio, com feições correspondentes às grandes obras da literatura contemporânea. **O Baú de Seu Machado** é um ótimo exemplo da riqueza presente na literatura para crianças e jovens, uma vez que conjuga um texto verbal leve, divertido, rico em vocabulário e diálogos com ilustrações cheias de movimento, cor e personagens expressivos.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017) explicam que “tratar livros para crianças e jovens enquanto *literatura* implica conferir-lhes o mesmo status da literatura não infantil e, conseqüentemente, considerá-los aptos a receber o mesmo tipo de refle-

xão voltado àquela”. Nesse sentido, podemos considerar que a literatura infantil, do mesmo modo que a literatura para adultos, constitui-se como um direito e, potencialmente, movimenta saberes, aproxima ciência e vida, oferece novos modos de viver e ver o mundo, letra e liberta, além de ampliar os horizontes de crianças e jovens, como faz tão bem as autoras da obra aqui apresentada.

Sabemos que, desde pequenas, as crianças brincam com a linguagem, atentam-se para os sons das palavras, repetem, buscam seus significados e intencionalidades. Mesmo os bebês estabelecem uma instigante interação com os adultos, que ninam ou cantam cantigas para entretê-los. Os bebês balbuciam, sorriem e emitem sons, como quem conversa com o outro. Quando aprendem a falar e se apropriam da linguagem oral, criam suas próprias expressões e vão, aos poucos, entendendo que falar é jogar: jogar com as palavras, seus sentidos, sua sequência; é criar, inventar, fantasiar. E eles fazem isso enquanto brincam. Neste momento, a literatura já está presente.



É ao longo da infância que mais demonstramos curiosidade e desejo de interagir com o mundo à nossa volta. Por isso, o contato com a literatura, especialmente nesse período, é importante e proveitoso para o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da criatividade. Ao ler com as crianças e para as crianças, abrimos um leque de possibilidades, de troca, de construção de conhecimento, de novas maneiras de interpretar a vida e suas questões, de compreensão sobre nós mesmos, nossas fragilidades e grandezas, nossa história e singularidade.

Ademais, como ressalta Dalvi, o trabalho com a literatura é fundamental também para que, a partir de práticas efetivas de aproximação do literário, as crianças percebam a questão da sonoridade — especialmente nas quadrinhas, nas cantigas, nos poemas infantis e nas trovas —, do uso de figuras de linguagem e de construção, da identificação de papéis narrativos, da identificação de informações relevantes e irrelevantes no contexto da obra, entre outros aspectos. Ou seja, a criança se coloca diante de um conjunto de aprendizagens que vai ajudá-la, desde cedo, na apropriação da linguagem escrita. Esse contato faz com que ela, à medida que cresce, passe a dominar a linguagem escrita e acesse outras formas, gêneros e suportes de literatura. Então deixa “progressivamente de depender daquilo que o adulto decide contar/ler/cantar para ela, para poder buscar aquilo que deseja ler” (Dalvi, 2013). **O Baú de Seu Machado** certamente vai provocar as crianças maiores de vários modos, inclusive despertando-as para o potencial da literatura machadiana.

As crianças podem perceber que há um narrador. Alguém que conta a história dos personagens, o qual chamamos de narrador observador, pois não participa da história contada. Podem perceber também que há muitos diálogos, momentos em que os personagens interagem diretamente uns com os outros. É possível que as crianças desconheçam o significado de algumas palavras e expressões que as autoras utilizam, então o livro ajuda na ampliação do vocabulário da turma. Além disso, pode ser que elas reconheçam e identifiquem na narrativa outros gêneros textuais, como a cantiga de roda, o poema, a música, e tudo isso contribui para a ampliação dos seus repertórios.

Como apontamos até aqui, a literatura — infantil ou não — tem características específicas, tratando-se, antes de tudo, de uma produção discursiva. Com as suas especificidades, a literatura favorece o encontro do eu com o outro, numa alteridade constitutiva que amplia as referências do sujeito, seja este o professor, seja o aluno. Isso implica uma leitura também específica. O que ganha ênfase no texto literário é a sua dimensão estética, em detrimento de conteúdo informativo ou moral. Sua pretensão é acessar e impulsionar o imaginário infantil, uma vez que, como obra artística, requer uma leitura estética, conseqüentemente aberta. Ao ler **O Baú do Seu Machado**, professores e crianças terão seus imaginários aflorados, poderão explorar a dimensão estética da obra, que salta aos olhos e aos ouvidos, além de ampliar suas referências.

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura literária, quando feita na escola, passa por um processo de escolarização, ou seja, a escola se apropria da literatura para atender a seus fins formadores e educativos. Trata-se de um processo inevitável “porque é da essência da escola a instituição de saberes escolares, que se constituem pela didatização ou pedagogização de conhecimentos e práticas culturais” (Soares, 2011). Poderíamos falar então em escolarização da literatura. Magda Soares reforça, porém, que o mais importante é que ela ocorra de maneira adequada, ou seja, sem se perder em meio ao pedagógico, ao ensino de conteúdos.

Se, por um lado, o texto literário não pode ser lido da mesma forma que um texto informativo, por exemplo, pois se associa ao estético, ao artístico, requerendo comportamentos leitores específicos; por outro, ao ser mobilizado por professores, provoca uma certa tensão no trabalho docente que se desenvolve ali. E, nessa tensão, defendemos que o pedagógico não se sobreponha ao literário, sob pena de vermos a literatura sendo tratada apenas como pretexto para o ensino da leitura e da escrita. Como sublinha Dalvi, é preciso garantir o estatuto de arte da literatura “e seu direito-dever de não respeitar todas as convenções instituídas: jamais permitir que a literatura seja tomada como mero meio para um fim, por mais ‘nobre’ que seja, como ‘recurso’, ‘veículo’ ou ‘ilustração’ do que quer que seja” (Dalvi, 2013).

Nessa esteira, Goulart (2017) também nos leva a refletir que o trabalho educativo nos anos iniciais da escolarização deve ser contextualizado no horizonte da cultura escrita, com seus produtos e práticas, e que é prioritariamente na escola pública que muitas crianças têm a oportunidade de contato com saberes não disponíveis em seu contexto de vida, incluindo a possibilidade de usufruir de bens culturais de qualquer natureza, entre eles as artes em geral e a literatura em particular. Essa realidade confirma que, embora historicamente literatura infantil e pedagogia tenham desenvolvido relações estreitas, não podemos perder de vista que, como arte, a literatura não pode estar a serviço da alfabetização.

Poderíamos falar então, conforme apontam Ana Caroline de Almeida, Magda Dezotti e Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (2021, no prelo), em *educação literária*: um processo que ocorre em espaços formais e não formais e que se dá a partir do contato efetivo com a linguagem literária materializada em diferentes formas, textos e suportes. Na escola, esse processo de educação literária ou de ensino da literatura tem, quase sempre, como objetivo final a formação de leitores. “A finalidade desse ensino é a formação de um sujeito-leitor livre, responsável e crítico — capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção, assim

como a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo”, como sublinha Rouxel (2013).

É bom ressaltar ainda, conforme a autora, que essa formação é resultante de três componentes: a atividade do aluno — sujeito-leitor na sala de aula —, a literatura ensinada — textos e obras — e a ação do professor — “cujas escolhas didáticas e pedagógicas se revestem de uma importância maior” (Rouxel, 2013).

O desafio de instituir o aluno sujeito-leitor — primeiro componente dessa tríade — está em partir da recepção do aluno à aventura interpretativa, não ignorando seus riscos e reforçando suas competências pela aquisição de saberes e técnicas. A leitura literária na sala de aula, caracterizada pela tensão entre texto e leitor, demanda ao menos três tipos de saberes: *saberes sobre o texto*, que incluem conhecimento dos gêneros, poética dos textos, funcionamento dos discursos etc., os quais são adquiridos no âmbito da leitura; *saberes sobre si*, os quais remetem à expressão de um pensamento pessoal, à afirmação de uma subjetividade em ato de leitura; e *saberes sobre o ato léxico*, que dizem respeito ao ensino de como evitar uma subjetividade desenfreada, fonte de delírio interpretativo. Rouxel esclarece ainda que

a sala de aula representa assim o papel de regulador. Ela é o espaço intersubjetivo onde se confrontam os diversos “textos de leitores”, a fim de estabelecer o texto do grupo, objeto senão de uma negociação, ao menos de um consenso. A presença da turma é essencial na formação dos jovens leitores: lugar de debate interpretativo (metamorfose do conflito de interpretação), ela ilumina a polissemia dos textos literários e a diversidade dos investimentos subjetivos que autoriza (Rouxel, 2013).

Isso significa que a partilha dos textos na sala de aula abre espaço para o confronto, a troca de ideias e a exposição de subjetividades que se conectam a outras, formando uma teia, um olhar coletivo sobre o texto, fundamental à formação do jovem leitor. Nossas propostas de leitura do livro **O Baú do Seu Machado** explora todos esses saberes, como veremos a seguir. Entendemos que fazer com que os pequenos leitores entendam a importância de Machado de Assis para a história da nossa literatura é a grande motivação do livro que apresentamos.

A escolha da obra também é fundamental para a formação do aluno sujeito-leitor e se constitui como o segundo componente. Rouxel (2013) traz algumas reflexões que podem orientar os docentes nas suas escolhas. Vamos a elas:

- É importante confrontar os alunos com a diversidade do literário: diversidade de gênero, diversidade histórica, diversidade geográfica etc. Esse contato afina e refina os julgamentos de gosto do jovem leitor.
- É importante selecionar obras das quais os jovens leitores extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas, afinal “a literatura lida em sala convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão no ato da leitura” (Rouxel, 2013).
- É importante considerar o grau de dificuldade da obra proposta, de acordo com a modalidade de leitura — autônoma ou coletiva — e privilegiar obras *complexas*, ou seja, que não oferecem uma compreensão imediata. “Essas obras impulsionam uma atividade intelectual formadora, suscitando processos interpretativos conscientes e inconscientes” (Rouxel, 2013). A recomendação para alunos menores seriam “textos resistentes”, que sejam imbuídos do jogo, da dimensão lúdica, que confrontem o leitor com um obstáculo que o obrigue a uma transgressão do seu *habitus* de leitor.

Nessa mesma direção, Dalvi sublinha a qualidade literária como o critério primeiro para a escolha de textos a serem lidos. Segundo ela, os textos:

devem ser escolhidos tendo em consideração o desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos, mas devem ser sempre textos de qualidade literária, isto é, textos ímpares pela criatividade, pela inovação e pelo risco na utilização da língua e das formas, pela densidade e pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados, pela preocupação com o humano, pela possibilidade de leitura aberta — uma leitura literária que não desafie, instigue, provoque não merece o investimento do precioso tempo escolar (Dalvi, 2013).

O Baú de Seu Machado contempla todas essas considerações. Trata-se de uma narrativa que se destaca pela criatividade, pelo humor, pela originalidade e pela possibilidade de leitura aberta, capaz de refinar os julgamentos de gosto do jovem leitor, de proporcionar ganhos éticos e estéticos, enriquecendo o imaginário e a sensibilidade. Além disso, pode ser considerada uma obra “complexa”, que impulsiona uma atividade intelectual formadora.

O terceiro componente na constituição do aluno sujeito-leitor seria a ação do professor, também sujeito-leitor. É preciso que esse sujeito-leitor se coloque numa certa distância com relação ao texto literário, de modo a conseguir observá-lo de maneira crítica. Ele é o profissional capacitado para dimensionar leituras possíveis de determinada obra, para fazer acomodações e antecipar dificuldades dos alunos, de propor negociação diante do texto, admitindo variações que não alterem seu núcleo semântico. De acordo com Rouxel, “o professor do Ensino Fundamental I, busca primeiro, mediante questões abertas, compilar a leitura dos alunos, identificar zonas de incompreensão ou de dificuldades, para submetê-las ao debate interpretativo. Ele também pode guiar a atenção para o texto e fazer com que os alunos levantem hipóteses e cheguem a interpretações aceitáveis ou satisfatórias” (Rouxel, 2013). Tudo isso é mobilizado no ato da leitura compartilhada, com perguntas, colocações e provocações referentes à obra e à fala das crianças, também como apontaremos a seguir.

Por fim, é na intersecção entre a instituição do aluno sujeito-leitor, a literatura ensinada e a ação do professor que se dá o processo de educação literária na escola, na sala de aula. Seja o regente da turma ou o professor de biblioteca, são eles os responsáveis pelo processo de mediação do texto literário. E essa mediação será mais bem-sucedida na medida em que o professor for, ele mesmo, um apaixonado pela literatura. Como ressalta Michèle Petit:



[...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É *um professor, um bibliotecário* que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. Sobretudo no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurar por essa via devido a sua origem social, pois é como se, a cada passo, a cada umbral que atravessam, fosse preciso receber uma autorização para ir mais longe. E se não for assim, voltarão para o que já lhes é conhecido (Petit, 2008).

Ao alertar que a nossa relação individual com a leitura literária é capaz de despertar o gosto por ler, por aprender, imaginar e descobrir, Petit acentua que não basta que existam livros e bibliotecas nas escolas; é preciso mais. Gostar de ler literatura é uma delas, mas outras estratégias e recursos podem ser mobilizados. Adaptamos e sintetizamos a seguir, um conjunto de *princípios para o trabalho com a literatura na escola*, propostos em Dalvi (2013). Tais princípios nos ajudam a refletir sobre essas estratégias e recursos.

- Tornar o texto literário “acessável” e acessível: não basta disponibilizar a literatura em vários lugares da escola, é preciso torná-la próxima, discutível.
- Promover muitos eventos de leitura literária, para favorecer a constituição da memória de leitor de literatura.
- Familiarizar os leitores em formação com todos os gêneros, suportes e modos de apresentação do texto literário que forem possíveis.
- Reconhecer que a mudança de suportes e de modos de apresentação implica alteração recepcional e conversar sobre os impactos que são perceptíveis.
- Valorizar o contexto de escrita, leitura e acesso para a constituição de saberes sobre o literário.
- Instituir a pesquisa e o conhecimento como inerentes à atividade de leitura literária.
- Permitir a experiência de ensaiar escrever/produzir literatura, como resposta amorosa ao ato de ler.

- Compreender e explicar que nem todas as leituras são válidas.
- Evitar mutilar os textos e as obras: procurar sempre trabalhar com textos integrais e, se possível, em seus diferentes modos de publicação.
- Tomar como critério principal de escolha a diversidade de gêneros, suportes, modos, escritas, sensibilidades, recursos, estéticas, períodos históricos, modos de ilustração etc., e o “perigo” e a “potência” que o texto oferece.
- Jamais lançar um leitor à leitura, sem considerar os riscos envolvidos.
- Ao avaliar, com diálogo, respeito, rigorosidade e critérios claros, considerar a efetividade e a qualidade da leitura como sendo os aspectos mais relevantes.
- Pautar que os textos pressupõem certos leitores (idade, contexto, repertório etc.).
- Inserir os estudantes em circuitos ou sistemas mais e mais amplos: bibliotecas, salas de leitura, feiras culturais e literárias, lançamentos, sebos, rodas de leitura, encontro com escritores, ilustradores e tradutores, leitura de críticas e resenhas jornalísticas etc.
- Fazer da leitura literária uma sedução, um desafio, um prazer, uma conquista, um hábito: para isso, incorporá-la ao cotidiano escolar e extraescolar de todos (principalmente do próprio professor, como leitor em evidência).

Destacamos aqui a importância de fazer da literatura um hábito extraescolar. Levá-la para as famílias, para os amigos, para que outras e novas experiências com a obra possam ser vivenciadas. Essa prática, considerada na atual Política Nacional de Alfabetização — PNA (Brasil, 2019) como literacia familiar, é uma prática que já vem sendo indicada nas últimas décadas por vários pesquisadores e incorporadas em políticas públicas de incentivo à leitura,¹ por todas as razões já apontadas até aqui, as quais reforçam o papel humanizador da literatura, na vida de crianças ou adultos.

Esses princípios estão no horizonte das propostas de abordagem em sala de aula para a obra **O Baú de Seu Machado**, descritas a seguir.

¹ Podemos mencionar, por exemplo, o Programa Literatura em Minha Casa e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

3. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

DESCRIÇÃO

Considerando o campo artístico-literário descrito na Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018) como o campo relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, trazemos algumas abordagens em sala de aula para o livro **O Baú do Seu Machado**.

O livro traz uma narrativa e, como todos os textos de ficção, apresenta narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Esses elementos serão abordados nas propostas de atividades.

Antes de detalhar as propostas, relembremos ainda os eixos para o ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental, principalmente o eixo da leitura:



BNCC

O **Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos;



BNCC

realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

Habilidades elencadas na BNCC também serão desenvolvidas a partir das sugestões propostas. Algumas delas são:

BNCC

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.

(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de manei-



ra autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.

ESTRATÉGIAS

Organizamos essas estratégias em três momentos, mas tendo como mote principal a **roda de leitura**, que se propõe a ser uma atividade permanente. Essa prática possibilita a ampliação do repertório das crianças e a consolidação da leitura expressiva, de modo que os alunos e professores possam fazer a mediação do texto. O foco deve ser a relação com o livro, a fruição, o prazer na leitura, mas também o olhar crítico, produzido no diálogo e na interação com os outros, no momento da leitura compartilhada.

Conforme mencionaram Ana Caroline de Almeida e Hércule Tolêdo Corrêa (2017), a roda de leitura é uma prática pedagógica e cultural, relacionada ao ato de ler conjuntamente, muito utilizada com leitores em formação, seja na Educação

Infantil ou no Ensino Fundamental. Nela, o mediador da leitura lê com ou para os demais, todos organizados, sentados em círculos (daí o nome “roda de leitura”), mas também pode ser em semicírculos ou mesmo deitados.

A prática de linguagem prioritária é a leitura/escuta compartilhada. Os campos de atuação centrais são o artístico-literário e a vida cotidiana. O objetivo é enfatizar atividades que busquem os efeitos de sentido do texto, as relações entre o verbal e o não verbal.

Pré-leitura

É importante salientar que, antes de começar a atividade, o professor precisa conhecer bem o livro e preparar a leitura com antecedência. Busque se familiarizar com o conteúdo do texto, com o ritmo, com a proposta das autoras. Realize uma leitura prévia da obra, a fim de ensaiar outra mais expressiva em voz alta. Pense na entonação, nas estratégias que poderá utilizar para chamar a atenção das crianças. Repare como a obra é rica em diálogos e humor. Considere esses elementos na hora de treinar essa leitura em voz alta. Certamente vai fazer diferença quando você estiver com seus alunos.



Vale dedicar um tempo ainda a uma pesquisa sobre a vida e a obra de Machado de Assis, esse autor que tanto contribuiu com a nossa literatura.²

Como mencionamos acima, é importante estar atento à qualidade da obra. No caso do livro em questão, temos um texto leve, cheio de imagens e referências, com ilustrações também muito ricas, que contextualizam a história quanto ao seu tempo e lugar. Portanto, ao entrar em contato com a obra, cada leitor/ouvinte poderá movimentar a sua imaginação, aguçar sentimentos, ampliar seus modos de ver e pensar o mundo e, principalmente se interessar pela literatura machadiana.

Além dessa aproximação inicial com o livro, propomos que, você, professor, selecione materiais que vão auxiliá-lo na atividade. **Separe um caderno para anotações** das falas e comportamento das crianças durante a leitura. A observação e o registro se constituem em estratégias interessantes para o acompanhamento da turma. Procure observar o que as crianças identificam nas ilustrações, o que percebem, como associam as ilustrações com o texto verbal, como ampliam os sentidos ali colocados. Repare no modo como se expressam:

- Com comentários longos ou curtos?
- Que expressões costumam usar?
- O que demonstram ao ouvir a história: prazer, curiosidade, satisfação?
- Como reagem à leitura e interação com a história durante a atividade?
- Que perguntas e comentários fazem?
- Que personagens chamam mais a atenção?

Prestar atenção a tudo isso vai auxiliá-lo na melhor condução da atividade e no conhecimento da turma.

Se você preferir, use tapetes e almofadas para organizar o espaço. Você pode ter um cantinho na sua sala, destinado especificamente à roda de leitura e contação de histórias, mas pode também levar a turma para um espaço agradável e tranquilo fora da sala. Uma área verde, debaixo de uma árvore, pode ganhar tapetes e almofadas. A biblioteca da escola ou a sala de leitura também podem ser espaços agradáveis.

² Neste site, criado pela Academia Brasileira de Letras, você consegue encontrar muitas informações: <https://www.machadodeassis.org.br/> (acesso em setembro de 2021), mas há várias possibilidades na internet.

Durante a leitura

Tendo organizado as crianças em roda, explique que elas vão conhecer um livro novo, mas, antes de ler a história, vocês vão explorá-lo e observá-lo bem. Mostre o livro para o grupo e comece observando a capa. Chame a atenção para todos os elementos.

- Pergunte às crianças o que elas veem na capa.
- Quais personagens?
- O que a expressão deles sugere?
- Como eles estão?

A capa do livro mostra os três personagens principais da história — Seu Machado, o cãozinho Quincas e a cartomante dona Bárbara Barbarrosa. Eles estão sentados em volta de uma mesa, e nós, leitores, o vemos pela janela da casa.

Em seguida, chame a atenção para o título do livro: **O Baú do Seu Machado**.

- O que esse título pode significar?
- Que relações podem ser estabelecidas entre as imagens da capa e o título do livro?

Escute o que as crianças têm a dizer. Observe se elas notam mais algum detalhe na capa, como o Seu Machado com a mão na cabeça e o Quincas boiando. Pergunte a elas o que isso pode significar.

Pergunte às crianças:

- O que o título sugere?
- Quem seria o Seu Machado?

Nesse momento, talvez seja importante que elas saibam que estamos falando de um dos maiores escritores brasileiros e que, com o apoio dessa obra, elas vão conhecer um pouco mais sobre ele e seus escritos. Pergunte, então, sobre o que eles esperam do livro. Essas perguntas possibilitam que as crianças façam inferências e antecipem situações que vão encontrar na leitura. É muito importante manter uma atitude responsiva diante das colocações das crianças. Você, professor, é interlocutor e mediador na relação das crianças com o livro e com a história. São múltiplos os modos de expressão e interação delas nesse momento inicial de observação e exploração. Aproveite!

Os nomes das autoras e do ilustrador também aparecem na capa. Você pode perguntar se as crianças conhecem outras obras deles e comentar um pouco sobre suas biografias, que se encontram ao final do livro. Explique que há muitos responsáveis pelo livro, como escritores e ilustradores, e que por isso aparecem na capa.

Avise então ao grupo que vocês passarão à leitura do livro, que está organizado em três capítulos, e assim poderão confirmar ou não o que foi conversado nesse primeiro momento de descoberta do livro. Releia o título e vá lendo e mostrando as páginas com as ilustrações, compartilhando o texto com os pequenos. Enquanto você lê, é importante garantir que as crianças também vejam o livro. Elas certamente vão interagir com a leitura e podem comentar, perguntar, reagir a certas situações. Como o texto traz músicas, poemas, cantigas e brincadeiras, as crianças podem se interessar em participar ativamente nesses momentos. Isso precisa ser incentivado, mas não pode interferir muito no ritmo da sua leitura. Permita que elas se expressem, responda e valorize os comentários, mas volte logo ao texto. Você pode usar seu caderninho de anotações para registrar algum tema ou pergunta mais instigante a serem retomados depois da leitura. Explique ao grupo que



após a leitura vocês poderão conversar mais sobre a história. E faça isso realmente, possibilitando mais interação, trocas e afetividade, ao mesmo tempo que garante o andamento da atividade de leitura.

Quando terminar a história, retome-a com as crianças. Proponha a elas: vamos lembrar o que vocês falaram antes de conhecer o livro? Compare o texto e as hipóteses levantadas pelo grupo.

Depois dessa conversa sobre a narrativa, convide os alunos a pensar sobre o gênero textual. Você pode começar perguntando sobre quem está contando a história e ajudá-los a perceber que se trata de uma narrativa em terceira pessoa, ou seja, temos um narrador observador. E que a **intertextualidade** é sua característica principal.

Intertextualidade é o nome dado à relação que é feita quando em um texto é citado outro texto que já existe. Trata-se de um “diálogo” entre dois textos ou mais, que podem ser verbais, não verbais ou mistos. No caso dessa obra, o diálogo é feito principalmente com os textos originais de Machado de Assis e outros, de gêneros variados, como cantigas de roda e brincadeiras.



O texto de Márcia e Sílvia foi escrito originalmente como peça teatral e só depois foi adaptado para o gênero conto. Por ser repleto de diálogos, que tal propor uma leitura coletiva à sua turma? Os alunos podem escolher os personagens para fazer a leitura completa para a turma; ou você pode dividir a leitura pelos três capítulos, mudando o grupo de alunos leitores.

Por fim, retome também alguns trechos da leitura e chame a atenção das crianças. Peça que prestem atenção ao vocabulário utilizado pelas autoras, nas palavras escolhidas, e pergunte à turma se gosta e se entende o significado de todas. Pergunte se tem alguma palavra ou expressão não compreendida e busque o dicionário para esclarecer qualquer dúvida.

Incentive as crianças a participarem desse momento, deixe que puxem da memória algumas cenas e façam seus comentários. À medida que conversa, a criança reflete sobre sua cultura e pensa em assuntos originais.

Pós-leitura

Para além da atividade de leitura do livro, a obra aqui apresentada suscita outras possibilidades de trabalho junto às crianças de 4º e 5º anos. Essas possibilidades incluem, claro, ampliar o repertório infantil sobre a obra de Machado de Assis. Sabemos que a leitura de obras clássicas é fundamental para a formação de leitores. É por meio delas que crianças e adolescentes podem estabelecer vínculos com gerações e culturas anteriores, podem compartilhar referenciais linguísticos e artísticos, entre tantos outros aprendizados.

Nessa etapa de ensino, já é possível apresentar este que é um dos principais autores brasileiros, se não é o mais importante. É um erro pensar que suas obras não são para a formação de um jovem leitor, uma vez que sua escrita é uma das mais coloquiais. A obra machadiana é extensa e inclui uma série de contos bastante compreensíveis já a partir do 3º ano. Por isso, nossa sugestão aqui é que você, professor, organize com a turma um projeto que abarque a leitura e a discussão de um **conto machadiano** e, também, inclua uma produção escrita, dentro do gênero conto. Os contos do autor são repletos de ironia, imagens e provocações. Essa atividade possibilitará às crianças conhecer textos clássicos e aprender a apreciar literatura de qualidade.

O pontapé inicial do projeto pode ser a realização de uma pesquisa sobre a vida do autor. Contextualize sua época, dizendo que Machado de Assis viveu na segunda metade do século XIX e morreu há mais de cem anos.

Se os alunos tiverem dificuldade com tamanha distância temporal, faça um exercício com eles, perguntando a idade de seus familiares. Monte uma **linha do tempo**, mostrando o ano de nascimento de Machado, dos familiares dos alunos e dos próprios alunos. Assim, eles terão uma maior noção da passagem do tempo.



Os alunos podem se organizar em grupos para pesquisar e apresentar o resultado para os colegas. Essa etapa pode envolver as famílias, contribuindo também para a literacia familiar. Oriente os responsáveis nesse sentido, dando dicas de busca na internet, na biblioteca ou de livros do autor. Na sala de aula, você, professor, pode conversar mais sobre as obras de Machado de Assis. Comente que o autor gostava muito de se dirigir ao leitor e que isso foi aproveitado pelas autoras de **O Baú do**

Seu Machado, como se pode ver nas páginas 7 e 20. Depois dessa introdução, é hora de anunciar que vocês trabalharão com um conto dele: “Um apólogo.”³

Num segundo momento, entra em cena uma discussão sobre o gênero textual conto. É importante que a turma comece a refletir sobre certas características do gênero, como a estrutura narrativa, a curta extensão, poucos personagens e uma trama única. Você pode disponibilizar outros livros de contos, para que os alunos leiam livremente e, depois, numa roda, partilhem essas leituras oralmente, refletindo mais um pouco e em grupo sobre as características do gênero.

Passa então, na sequência, para a terceira etapa, em que você lê com a turma o conto “Um apólogo”.⁴ No conto, uma linha e uma agulha discutem quem é a mais importante. Nessa disputa de vaidades, Machado de Assis ironiza sentimentos humanos, como a inveja e o ciúme.

Apólogo é uma narrativa, geralmente construída em diálogos, que termina com uma lição de moral, semelhante às fábulas.



Solicite, então, à turma que faça uma leitura bastante atenta e cuidadosa individualmente. Depois é possível explorar com as crianças tanto a forma como o conteúdo do texto. Isso pode ser feito oralmente ou por escrito, fica a seu critério. Você pode abordar, por exemplo, elementos da narrativa: narrador, personagem, tempo, espaço e enredo; e a estrutura da narrativa (que não necessariamente vai estar sempre nessa ordem): situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax, desfecho. Compare com os elementos do livro **O Baú de Seu Machado**; afinal, ele também é um conto.

Como última etapa do projeto, solicite aos alunos que escrevam seus próprios contos. Essa etapa abrange a atividade de produção, a leitura coletiva e a reunião em um belo livro da turma, que pode ser fotocopiado para todos ou exposto para a comunidade escolar. Uma alternativa é propor que os alunos formem duplas, nas quais um escreve o conto e outro faz a ilustração que o acompanha. A produção de cada dupla pode virar um livrinho grampeado, e o responsável pela ilustração assume também a montagem da capa. Nesse caso, retome a atividade pré-leitura e relembre-os que na capa é preciso constar: título do conto, autor, ilustrador e, claro, a ilustração.

³ O conto “A carteira” também pode ser incluído neste trabalho para a turma de 5º ano.

⁴ Ele está disponível aqui <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf> (acesso em setembro de 2021).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Caroline de; CORRÊA, Hércules Tolêdo. "Memórias na sala de aula: análise de uma prática pedagógica na perspectiva do letramento literário". *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 18, n° 37, pp. 108-130, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017108/pdf>. Acesso em setembro de 2021.

ALMEIDA, Ana Caroline de; DEZOTTI, Magda & MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. "Alfabetização e educação literária". *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 2021 (No prelo).

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1979.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em setembro de 2021.

CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e literatura*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DALVI, Maria Amélia. "Literatura na escola: propostas didático-metodológicas". In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de & JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

GOULART, Cecília. "Para conhecer o processo de alfabetização na relação com o trabalho da Educação Infantil: questões culturais, políticas e pedagógicas". In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes & GONTIJO, Claudia Maria Mendes. (Orgs.). *Políticas e práticas de alfabetização*. Recife: Ed. UFPE, 2017.

GOULART, Cecília. "Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da literatura". In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma outra/nova história*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

PAIVA, A. & SOARES, M. (Orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROUXEL, Annie. "Aspectos metodológicos do ensino da literatura". In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de & JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. "A escolarização da literatura infantil e juvenil". In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina & MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Demais fontes pesquisadas

Site criado pela Academia Brasileira de Letras que reúne biografia, bibliografia, teses e monografias sobre o autor e outras informações: <https://www.machadodeassis.org.br/> (acesso em setembro de 2021).

Conto "Um apólogo" disponibilizado pelo site de domínio público: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf> (acesso em setembro de 2021). O conto também pode ser lido em diversas antologias do autor, como *Machado de Assis: seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

5. SOBRE A AUTORA DO MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

Ana Caroline de Almeida

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, com estágio sanduíche na University of Wisconsin. Professora no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos/Unipac e no Centro Universitário de Lavras. Graduada em Pedagogia, especialização em Práticas de Letramento e Alfabetização e mestrado em Educação, pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Ana já atuou como professora substituta na UFSJ e na Universidade Estadual de Minas Gerais. Possui experiência em educação à distância, nas funções de tutora presencial do curso de Pedagogia, pelo Centro de Educação à Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF, tutora à distância e professora de Estágio Curricular Supervisionado, também do curso de Pedagogia do Núcleo de Educação à Distância, tutora à distância do curso de especialização em Práticas de Letramento e Alfabetização. Possui experiência de 13 anos na Educação Básica, atuando na rede municipal de ensino de Tiradentes/MG e na rede estadual. Ana também é integrante do Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Colonialidade e do Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico. Como pesquisadora, trabalha com os seguintes temas: ensino da leitura e da escrita, literatura, letramento, alfabetização e políticas públicas para a educação e a alfabetização.